

Dimensão educativa dos grupos populares

Fabiano Soares da Silva*

Resumo: Este artigo pretende tecer algumas compreensões do movimento de interação cultural entre grupos de poesia, de agitação cultural, movimentos populares em comunidades como possibilidade de potencializar as lutas por direito e de promover espaços de conscientização de classe no contexto da região de Belford Roxo, município da Baixada Fluminense. As atividades e das dinâmicas do Centro Cultural de Integração Popular – CECIP (iniciadas nos anos oitenta e mantidas por mais de uma década), (re)aproximaram poetas, artistas populares, músicos, escritores/as, estudantes, professores e militantes para dentro do Galpão Actana, no bairro Nova Aurora, promovendo atividades recreativas, lúdicas e formativas junto às crianças e jovens de 5 a 14 anos, aos seus responsáveis e outros moradores de diferentes idades. Eram desenvolvidas atividades tais como construção de boneco de fantoches, produção de histórias e oficinas de produção de textos, pinturas, capoeira, canto, violão, bateria, entre outras. Nessa dinâmica era constituída a partir das demandas comunitárias e do trabalho coletivo do grupo de jovens que se reuniam em seus diferentes movimentos, como o grupo Gambiarra Profana, a Folha Cultural Pataxó, o Centro de Cultura Proletária e a Frente de Luta Popular. Pretende-se nesse artigo, percorrer o caminho das experiências vividas no início da década de 2000, para pensar o movimento pedagógico popular que se reconfigura nos contextos suburbanos a partir das perspectivas dos próprios sujeitos que vivem nesses espaços para colaborar, não apenas na luta por direitos fundamentais, mas na luta por uma sociedade livre e emancipada.

Palavra-chave: Interação cultural; Atividades educativas; Educação popular.

Educational dimension of popular groups

Abstract: This article intends to make some understandings of the movement of cultural interaction between groups of poetry, of cultural agitation, popular movements in communities as a possibility to potentiate the struggles by right and to promote spaces of class consciousness in the context of the Belford Roxo region, Baixada Fluminense. The activities and dynamics of the Cultural Center for Popular Integration - CECIP (started in the eighties and kept for more than a decade), (re) approached poets, popular artists, musicians, writers, students, teachers and militants into the Galpão Actana, in the neighborhood of Nova Aurora, promoting recreational, recreational and training activities among children and young people from 5 to 14 years old, their parents and other residents of different ages. Activities were carried out such as the construction of puppet puppets, production of stories and workshops for the production of texts, paintings, capoeira, singing, guitar, drums, among others. In this dynamic was constituted from the community demands and collective work of the group of young people who met in their different movements, such as the Gambiarra Profana group, Folha Cultural Pataxó, the Centro de Cultura Proletaria the Frente de Luta Popular. The aim of this article is to look at the experiences of the early 2000s in order to think about the popular pedagogical movement that is reconfigured in the suburban contexts, starting from the perspectives of the individuals who live in these spaces to collaborate,

* Professor Seeduc.

not only in the struggle for Rights, but in the struggle for a free and emancipated society.

Keywords: Cultural interaction; Educational activities; Popular education.

Neste artigo, pretendo fazer um pequeno esboço histórico das experiências de artistas e produtores literários das periferias que se encontram à margem da capital fluminense, propriamente nos bairros mais pauperizados da periferia de Belford Roxo¹, cidade que teve sua emancipação de Nova Iguaçu em 03/04/1990. Para tanto, farei uso dos conceitos de experiência, cultura e produção de conhecimento. Sinalizo assim, para a construção de práticas pedagógicas na reelaboração de uma estética popular à luz das vivências cotidianas em que se manifesta a afirmação de identidade, bem como o desejo da partilha, de afetos que giram em torno das práticas culturais e produções literárias periféricas. Um construto popular que *refaz-se* de múltiplas dimensões.

Nessa perspectiva, pensar a movimentação cultural produzida na região da Baixada Fluminense, da última década, é preciso partir das tradições de luta na produção cultural no contexto de resistência ao período ditatorial, como construto de um movimento cultural que possibilitou a *representificação* de uma consciência de afirmação e de emancipação de classe.

Utilizarei aqui, classes populares para designar os segmentos sociais que convivem em condições impostas de exploração, discriminação, racismo, exclusão e negação de direitos fundamentais, o direito de se autodeterminar e o reconhecimento cultural. Porém, não pretendo com isso, substituir (ou fragmentar) a noção de classe proletária. O que pretendo é caminhar em direção de uma realidade periférica constituída por sujeitos que *refazem-se* a partir das suas experiências reelaborando seus modos de vida, relacionando ou não com a estrutura hegemônica tendo em vista a sobrevivência em particular, assumindo distintas posições no tecido social às margens do Capital. Pretendo aqui me aproximar daqueles trabalhadores/as que não participam diretamente do processo de valorização do *Capital* e que, sobretudo, são sujeitos que margeiam os limites conceituais da realidade social. Uma vez que considero ser importante para o entendimento das dinâmicas da realidade do cotidiano popular, bem

¹ Fonte IBGE: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=33&search=rio-de-janeiro>. Acessado em 20/01/2016

como das relações construídas nas periferias, subúrbios e regiões mais afastadas dos grandes centros urbanos.

Nesse sentido, ao pensar o conceito de *cultura* e de *experiência* em plano de junção como *consciência afetiva e moral*, apoio-me nas contribuições de E.P. Thompson para compreender que, no que se refere à produção cultural(literária), constitui-se como construção do elo de subjetividade e representificação como movimento de imagens vivas criadas na interação das classes populares; as contribuições de Paulo Freire, a partir de sua Pedagogia do Oprimido, das ideias que pairam no em seu livro Ação Cultural para Liberdade; e ainda, das contribuições de Carlos Rodrigues Brandão em torno da educação popular.

Utilizarei aqui o conceito de *representificação* para delinear o cuidado que o pesquisador-militante deve ter ao tecer a leitura do contexto social em que atua. Tomando por base o conceito em Paulo Menezes caminha em seu artigo *Representificação: As relações (im)possíveis entre cinema documental e conhecimento*, em que o autor vai falar do documentário como registro da realidade. No sentido de nos afastarmos da mera representação como retrato da realidade, o conceito de *representificação* colabora para que pensemos o movimento dinâmica da realidade, astúcias das práticas populares frente as desigualdades, bem como, atenuar a relação que nos *coloca em presença de*, do contexto vivo que, também, nos observa a contraponto. Uma vez que a realidade é um atravessamento de múltiplas relações, dimensões e interações.

Para situar esta reflexão sobre o movimento cultural na perspectiva popular como possibilidade de ampliação da luta social, farei um breve percurso histórico de alguns indivíduos e grupos, no contexto de resistências de suas produções culturais frente aos desafios e barreiras quanto o controle e reprodução de um fazer estético e de *representificações* da vida cotidiana. Seja pelos aspectos padronizados, no modelo de uma cultura hegemônica ou pelos aspectos ideológicos, quanto às ideias de grupos e indivíduos protagonizadas no interior da classe trabalhadora.

Desse modo, algumas experiências vividas por mim enquanto artista popular, entre outras experiências de coletivos e sujeitos que atravessam a teia de significações da materialidade das lutas e vivências cotidianas, ajudam-me a na reflexão desta dimensão educativa que perambula nos contextos das classes populares das regiões marginalizadas do ponto de vista econômico.

É da realidade de Belford Roxo que me situarei na produção de práticas culturais, literárias e veiculação de ideias através de “zines”, colagens, periódicos, panfletos, livretos, etc..

Ao me aproximar das questões levantadas por Thompson, em *Os Românticos*, sobre a *Educação* e a *Experiência*, remeto a pensar na produção cultural que emerge à margem da classe trabalhadora, não como algo espontâneo, mas ligado a uma rede de troca de experiências e relações afetivas, contradizendo inclusive à ideia de que naquela região não se “produz cultura” e que é preciso “levar”, e até mesmo “ensinar” as artes e as técnicas, como se os processos culturais se resumissem ao aprendizado, apenas, cujo modelo tem por base à estrutura formal do ensino e de ideias representadas em programas de incentivo à cultura.

Falo de um universo de uma população que registrava no ano 2000, um número de 434.474 pessoas². Este contexto de vivências é trazido aqui para tensionar o debate, mas não tem a pretensão de buscar uma linha que aponte a uma totalidade dos acontecimentos. Busca situar os acontecimentos e experiências de grupos e sujeitos que vivem em contextos periféricos, na reconstrução de subjetividades, laços afetivos, representações e projeções de espaços autogeridos. Uma vez que as experiências vividas e compartilhadas marcam a maneira pela qual os sujeitos constroem suas visões de mundo. Com Thompson, as pessoas *experimentam suas próprias experiências* como sentimento ligado à maneira de se relacionarem na vida social. Deste modo, as produções culturais e literárias, construídas nestes e em outros espaços, não apenas apontavam para a necessidade de se dizer com as próprias palavras os sentimentos que pairam no interior de uma classe, mas recriavam atmosfera de trocas e meios de produção de zines, boletins, livros, livretos e jornais com base nos recursos que cada grupo tinha disponível.

A produção literária, naquele contexto, surge sob a forma fragmentada, pois não representava um movimento homogêneo, mas diversos, ora contraditório, ora

² Fonte: <http://ibge.gov.br/cidadesat/painel/populacao.php?lang=&codmun=330045&search=rio-de-janeiro|belford-roxo|infograficos:-evolucao-populacional-e-piramide-etaria> : Acessado em 03/07/2017.

divergente da postura governamental que tentava reunir poetas e artistas em um espaço único, e ainda, excluídos dos recursos destinados ao incentivo à cultura. As divergências possibilitaram indicando caminhos diversos e independentes apontando para a ideia falsa de que na Baixada Fluminense a produção de escrita era ausente. É sabido que a oralidade é a marca da transmissão de conhecimentos, costumes, aprendizagens, etc.. e que tem em suas narrativas, as fantasias, as histórias recontadas, fossem elas folclorizadas pelas prefeituras, fossem pelas histórias representadas à necessidade subjetiva, ou ainda focalizadas à necessidade religiosa. A oralidade sendo forte neste contexto da vida cotidiana, traz para o cenário desde o comércio ambulante, seus aparatos sonoros, o vendedor de pão na bicicleta com sua buzina cujo som mais lembrava um pato em fuga, como o *carro troca-troca* que passava pelas ruas anunciando tocar pintinhos, picolés, pipas para as crianças em troca de panelas e ferros velhos, e fosse ainda, pelo carroceiro que levava utensílio e variedades de casa, clamando pela “Dona Maria”.

As múltiplas representações da vida sociais e como ele pode ser retratada, não se encerram num modo de vida, mas atenua diferentes modos de como as lutas populares foram se diversificando a partir das representações articuladas, de algum modo, aos movimentos de lutas populares de resistência à *ditadura militar* na Baixada Fluminense, às práticas culturais nos movimentos e associações das periferias, bem como, uma inserção dos sujeitos das classes populares no acesso ao ensino formal.

Desse modo, é como posso situar uma perspectiva popular na região de Nova Aurora (Figura 1), protagonizada por jovens poetas e artistas da região ao tomarem para si, a reelaboração de um fazer-se em comunhão com a vida comunitária. Tal contexto tem uma dimensão da cultura de interação inscrita neste espaço. Assim, posso ainda, apontar que são as experiências vividas e revisitadas na experiência coletiva, modificam as relações culturais do presente e possibilita ampliar seus horizontes de produção expetativa.

A dimensão política é uma das características que reside na construção de uma cultura questionadora, que faz a crítica da sociedade não apenas para entender, mas para superar as desigualdades e injustiças. Sua representação e sua constituição permaneceram ligadas aos/as poetas, escritores/as, os/as militantes das classes populares pós-*ditadura militar*. Embora tenham-se fragmentados nas reconstituições partidárias das novas conjunturas, refletem a necessidade de uma nova lógica de sociedade e não de

uma transfiguração do Capital. Isso pode-se ver nas dinâmicas das construções literárias, nos gêneros musicais populares, como o funk e o hip-hop, dos coletivos de Rep³, nas oficinas independentes de construção de livros alternativo, nas rodas de samba, na organização de cursos preparatórios, como os *pré-vestibulares* comunitário, inicialmente protagonizado pela igreja, nas rádios populares ou comunitária e *on-line*, nas publicações de periódicos, entre outros.

Nesse mesmo aspecto, a ação política de movimentos populares, de luta por moradia, em Belford Roxo, de maneira direta ou indireta colaboraram na ampliação da perspectiva da educação popular que então se apresentava como possibilidade participativa dos campos de ação.

O que tenho como certo é que a produção cultural independente que se mantinha em nosso contexto não era a única na Baixada Fluminense e que tem uma história de mais de um século. Desde a década de 1990, havia muitos encontros e saraus, o que significava a possibilidade de mais pessoas agregadas à rede de encontro.

Neste panorama de movimentação cultural havia também outras redes de lutas e movimentos que propunham a libertação popular como forma de construção da emancipação social e com essas redes percebo a presença de intercâmbios.

Desse contexto, surgem os *zines* que circulavam em Belford Roxo, onde possibilitou a troca de poemas e dos aprendizados de fabricação dos livros independentes. Nessas trocas simbólicas, os grupos e sujeitos que participavam das produções independentes intensificaram suas ações a partir de experiências populares, das associações e coletivos de décadas anteriores. O grupo de poetas e estudante que organizavam a Folha Cultural Pataxó, os poetas que organizavam o periódico Gambiarra Profana se aproximaram e deram foco às atividades culturais que se articulavam com a comunidade de Nova Aurora.

O periódico era composto de uma, duas ou três páginas de tamanho A4 em sentido *paisagem*, dobradas ao meio que totalizavam 4, 8 ou 12 páginas impressas com textos, críticas literárias e políticas, poesias, ilustrações de estudante, entre outros/as. A intenção era expressar solidariedade através da palavra, ao mesmo tempo criar um canal de diálogo para discussão sobre a barbárie de que as classes populares são vítimas diariamente no interior do *capital*. Um tempo depois, tal iniciativa se configurava

³ Rap e Rep possuem o mesmo significado, sendo a primeira abreviaturas das palavras inglesas: “Rhythm And Poetry”; e a segunda, sua forma traduzida ao português: “Ritmo e Poesia”. Neste caso, opto por registrar REP.

articulada à rede de solidariedade, agitação cultural, construção autogestionária e independente.

A partir de então, inicia-se uma intensa produção de periódicos e livros de poemas, quadrinhos, contos, etc.. Novos/as artistas apareceram na construção de espaços e movimentos culturais, muitos tendo sido interrompidos pela intervenção dos governos municipais que tomavam para si a gerência de um “movimento cultural” da Baixada, fosse através da criação de centros culturais, *casas de culturas*, ou secretaria financiadora de atividades e de concursos literários, cujos prêmios atraíam centenas de pessoas que escreviam em seu cotidiano e que poderiam ter seus escritos divulgados.

A necessidade de encontros para troca de ideias, realização de eventos, produções literárias, periodicidade de publicações coletivas e a publicação de livros de poetas passou a se intensificar a partir dos encontro periódico.

Nesse sentido, o movimento constitui-se como um corpo de coletivos de artistas, poetas e militantes que através da cultura periférica, da arte suburbana, iniciaram suas atividades comuns

Nova Aurora é um bairro populoso da cidade de Belford Roxo, formado a partir das pessoas que viviam em condições adversas, mais afastadas dos centros urbanos, se organizavam em mutirões em torno das reivindicações por terra, moradia e escolarização.

O mutirão de Nova Aurora, como era anteriormente conhecido, foi organizado a partir dos anos de 1980 ao se deflagrara, sobretudo, com o apoio de um setor da Igreja, ligado à Teologia da Libertação e às Comunidades Eclesiais de Bases – CEBs. Naquele contexto, existia um movimento de resistência cultural organizado por jovens da comunidade onde interagiam “através do teatro, da poesia e da música” para refletir criticamente sobre as condições vividas.

Experiências de processos formativos no contexto das classes populares ou uma pedagogia que perambula sobre as experiências populares de luta e resistência.

No início da década de 2000, a retomada das atividades do CECIP (Centro Cultural de Integração Popular do antigo mutirão Aurora, os jovens e poetas e artistas, articularam-se na mobilização com a comunidade a partir das próprias experiências artísticas e literárias, promovendo oficinas culturais, aulas de instrumentos musicais, produção de textos,

“oficinas” de poesias, construção de livros, artesanatos, desenhos e esculturais. As iniciativas, sobretudo, a partir do grupo Gambiarra Profana, possibilitou a sistematização dessa retomada do movimento cultural naquele bairro, para promover a reflexão crítica, a colaboração de aprendizagens e a interação com outros jovens artistas e escritores.

Na perspectiva da transformação social, as contribuições que o grupo de jovens apontavam, diziam respeito à revisão crítica permanente dos aprendizados deixados na luta que existe por fora da representatividade democrática e fazendo-nos pensar que as experiências não se perdem, mas interagem com outras experiências se representificando nas necessidades material e subjetiva das classes populares.

Outro aspecto, consistia nos intercâmbios com novos movimentos populares, entre eles A Frente de Luta Popular, que naquele contexto havia uma inserção ativa com os movimentos de luta pela moradia. Embora, as experiências dos jovens não tenham se efetivado em um movimento político de resistência, a fim de propor, a partir das organizações de base, possibilitou um elo com uma perspectiva de transformação social. Naquele contexto, outras perspectivas atuavam como domesticação de consciência, sob práticas conservadoras e, em muitos aspectos, associado às ideias dominantes, ou sob as óticas doutrinadoras, fosse pelo viés do neopentecostalismo, fosse pelas *organizações não governamentais, associações, fundações e entidades* ligadas ao Estado, na esteira da rearticulação do discurso populares associado às ideias dominantes organização, ou ainda, quanto a compreensão da caridade e às ideias pautadas nas políticas voltadas ao *estado mínimo*.

Nesta aproximação com a realidade de Nova Aurora, me apoio em Thompson, no tocante à mudança ocorrida a partir da experiência e a investigação do contexto histórico e cultural da Inglaterra do século XVIII, onde, do ponto de vista dos trabalhadores e das trabalhadoras a *cultura dos pobres* fazia parte dos divertimentos populares, bem como, o esforço dos poetas de buscar significados na vida cotidiana. Desse modo, penso, a partir do que tenho discutido sobre a dimensão de uma prática pedagógica que perambula nos contextos populares (Silva, 2017), que há uma busca de um conhecimento na vida cotidiana em que a memória recria a experiência e ela passa ser sentida de outro modo. Reverbera o rompimento de práticas individuais para recompor-se como grupo ou coletivo

A memória da experiência produz marcas, entre o ato feito da realização e no contexto (Freire, 2014) o tempo em que se recria uma determinada experiência é variável. Pois marca um movimento de aprendizagem dos sujeitos na construção de uma subjetivação do imaginário na vida. Tenho compreendido a memória como função mental que permite articular as experiências vividas que, ao se tornarem percebidas,

podem potencializar as formas como aprendemos na vida social, nas articulações das relações afetivas e subjetivas.

Nessa compreensão é preciso considerar os modos distintos como os sujeitos manifestam a realidade, suas experiências, seus contextos e o tempo necessário em que a comunicação se estabelece para possibilitar ações de *colaboração*. Nas contribuições de Freire (2014) na “leitura de mundo”, os sujeitos redesenham novos sentidos e possibilidades de compreensão da realidade social e das relações afetivas.

Nesse contexto, penso as produções culturais, a partir das contribuições da antropologia, onde de um modo geral, pode significar um coletivo complexo de soluções que uma comunidade herda, adapta ou inventa para enfrentar os desafios do seu ambiente natural, social e psicológico. Como elemento da práxis, a criatividade necessária para satisfazer as aspirações de uma comunidade. E ainda, como manifestações de mulheres e homens na organização de seus comportamentos e justificando suas realizações ao longo da história humana.

Portanto, a história é também a história das culturas, pois marca a vida e as experiências vividas, das relações mais imediatas com a natureza e projetando soluções para problemas comuns do conjunto social. Desse modo, são fundamentais as contribuições de E.P. Thompson, em sua obra *Costumes em Comum*, sobre o sentido e os contextos que a cultura popular emerge. Assim, a cultura deve ser entendida como uma ***arena de elementos conflitivos***. Por isso, o cuidado ao tratarmos das generalizações relacionadas à “cultura popular”. Cabendo compreendê-la dentro de contextos definidos.

Pensar as experiências culturais de uma dada comunidade, como aponta Thompson, possibilita buscar elementos de significações e sentidos que compõem a reconstrução diária da vida cotidiana.

A **cultura popular** marca um território de luta ***situada no lugar material que lhe corresponde*** dentro de um modelo específico de transmissão de conhecimento à sabedoria comum.

Compreendendo os sujeitos no processo de criação coletiva, ainda que não cumpra uma função direta na transformação da natureza, mas que, amplia a capacidade de transformação mediadora de uma relação do trabalho. Mediadora da natureza enquanto participante do ato de trabalho exercido naquela produção, não só educativa,

mas criadora dos usos ou valores da necessidade de uma determinada mercadoria. No caso, o manuseio dos materiais relacionados às artes plásticas. A educação aqui vai exercer uma função específica relacionada ao trabalho, mais propriamente de valor ou atributo significativo na restauração da dimensão ontológica de constituição da realidade social.

Ainda que, nas relações da mercadoria, haja uma tendência de cooptação daquilo que é produzido pelas classes populares, no contexto dos sujeitos dessas classes, a atividade educativa enquanto constitutiva e/ao fundamento ontológico dos processos sociais, possibilita esta aproximação dos sujeitos sociais com aquilo que se tornam sujeitos inteiros, protagonistas de suas criações, experimentações, se reconhecendo naquilo que produz. Deste modo, nos lembra Thompson, que a *experiência surge no ser social* como pensamento. Esse elemento de totalidade que nos faz lembrar Fernando Pessoa. É preciso ser inteiro, pois “nada teu exagera ou exclui. Sê todo em cada coisa. Põe quanto és no mínimo que fazes.”

Debruço-nos nessa perspectiva, para compreender e refletir sobre a construção fundamental dos processos educativos e práticas da cultura popular protagonizadas pelos diversos sujeitos nas margens periféricas dos espaços urbanos, tendo em vista, uma vida social plena e emancipada.

Para dar um passo à frente na reflexão sobre a *experiência* como elo às constituições morais, da cultura de um modo geral, destaco as redes de relações interpessoais que foram travadas no início da década passada no bairro Nova Aurora, na periferia de Belford Roxo.

Parto do entendimento que a *experiência* é um tecido de relações *gerada na vida material*. Mas, também, a *experiência* enredada de dimensões afetivas associadas à vida social. Desse modo, a *experiência* e *cultura* se articula na vida cotidiana como ponto de junção. A isso, diz Thompson(1978):

“as pessoas (...) experimentam suas experiências como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentescos, e reciprocidade, como valores(...) essa metade da cultura(é uma metade completa) e pode ser descrita como consciência afetiva e moral.” (pág. 189)

O que quero destacar é a existência desta dimensão constitutiva de percepção subjetiva, construída pelos jovens em regiões periféricas e na necessidade da

compreensão do real que os cercam. Dimensão esta, que embora não produza uma riqueza material do ponto de vista econômico, produz na subjetividade a objetivação necessária que *constitui-se* na estrutura de seu próprio ser enquanto o domínio do mundo. Nesse momento, cada passo que darão, têm novos sentidos, novas significações, pois essa busca interativa o compreende na constituição de seu ser. Haja vista, os campos em disputa de projetos societários, os resultados posteriores, tantas outras compreensões de mundo, juntamente com os elementos criadores de materialidade serão decisivos nas *representificações* e nos modos de intervir no mundo.

Figura 1 - Terminal Rodoviário de Nova Aurora



Fotografia própria – Terminal Rodoviário José Gonçalves Gandra - Nova Aurora vista do interior do bairro para sua entrada.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A questão política da educação popular*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

_____. *Educação como Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Saber e Ensinar: três estudos de educação popular*. Campinas: Papirus, 1984.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues e STRECK, Danilo Romeu. *Pesquisa Participante: a partilha do saber*. São Paulo: ed. Ideias & Letras, 2006.

FREIRE, Paulo. *Ação Cultural para a Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. *A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

_____. *Pedagogia do Oprimido*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GARCIA, Regina Leite (org.). *Método, Métodos e Contramétodo*. Rio de Janeiro: Cortez Editora, 2003.

TONET, Yvo. *Educação, cidadania e emancipação humana*. Ijuí: Unijuí, 2005.

SILVA, Fabiano Soares da. *Palavras que nascem da noite: dimensão educativa das práticas culturais em contextos populares*. Niterói: Universidade Federal Fluminense - UFF, 2017.

THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria*, Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. *Costumes em comum*. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia da Letras, 2008.

_____. *Os Românticos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.